

***The politics of memory and commemoration in Portugal – a specific case between ‘total war’ and European war culture*** – SILVIA CORREIA

*Instituto de História Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da*

*UNL*

[Correia\\_silvia@hotmail.com](mailto:Correia_silvia@hotmail.com)

A partir de um exercício comparativo à escala europeia, pretende-se, no contexto da sociedade portuguesa, estudar a construção e manutenção da memória da I Guerra Mundial e de que forma esta se integra num movimento mais hegemónico da cultura de guerra europeia ou se o caso português justifica a reflexão teórica que defende a existência de várias culturas de guerra, recusando a possibilidade de uma produção geral *massiva* da memória do conflito.

Propõem-se como hipótese de estudo, que em Portugal a cultura material de guerra, desde a concepção de cemitérios militares, inumação do soldado desconhecido, à edificação de monumentos na base da consagração de um Mito de Guerra, ficou aquém do vivido nos demais países participantes na guerra. Aliás, o pouco investimento do Governo Republicano na cultura memorial como consolidação ideológica prenunciou a incapacidade de superação do trauma da intervenção na I Guerra Mundial, não só naqueles que nela participaram directamente, mas de toda uma nação.

Assim, a partir de uma reflexão crítica pretende-se introduzir Portugal na discussão em torno da possível *massificação* da cultura memorial da I Guerra Mundial, de que forma se concretizam fenómenos visíveis por toda a Europa e adquirem maior ou menor cunho da identidade colectiva nacional.

É a natureza do conflito comemorado – “guerra total” – delineadora de novas estruturas memoriais. Fragilizam-se ténues fronteiras nas e entre nações participantes, determinando a homogeneização e hegemonização de fenómenos, de tipo ideal ou material, de rememoração da guerra, que se inauguram ainda durante o conflito, mas que se configuram, nunca definitivamente, no período do pós-guerra.

A cultura material de guerra terá possibilitado a “anuência” da brutalidade mortal do conflito, através da abstracção/generalização da memória permitida pela dimensão da

contenda e subsequente comemoração pela produção de fenómenos memoriais, também eles massificados – preponderância da interpretação oficial da guerra, aquela construída e acreditada pelos instrumentos de formação de opinião pública controlados pelo poder, clara dissimulação da relação entre poder, ideologia, arte e religião, alargada de forma mais ou menos profunda a todos os intervenientes.